



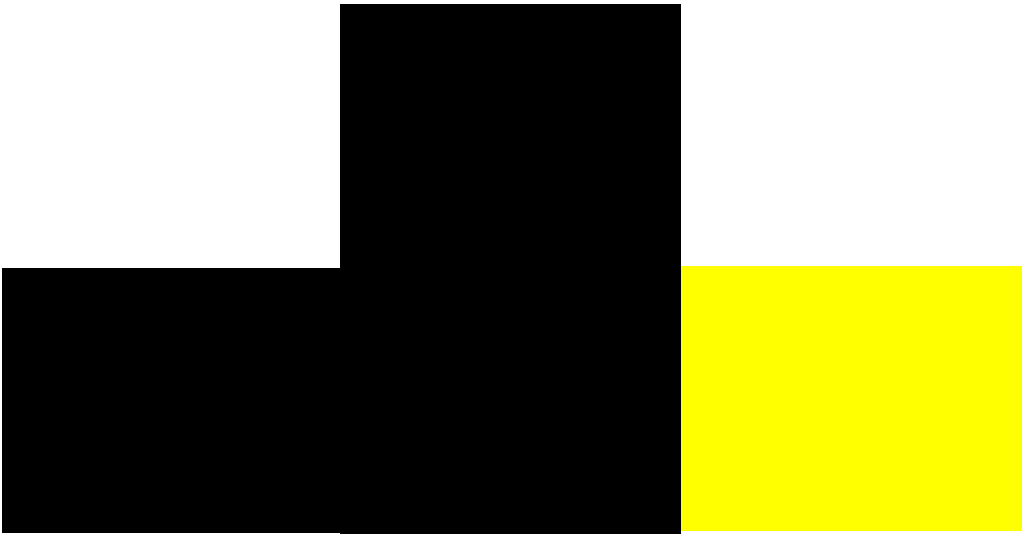
# Criação residual: ambiente urbano e objetos reflexivos de design

Raíssa Joanna Vítola Albuquerque

*Graduada em Comunicação Visual Design (UFRJ). É atualmente mestranda e bolsista CAPES do Programa de Pós-Graduação em Design (UFRJ). Se interessa pelos temas: autopublicação, limites entre arte e design, design e educação e processos criativos.*

Julie de Araujo Pires

*Professora Associada da UFRJ, atuando no curso de Graduação em Comunicação Visual Design e no Programa de Pós-Graduação em Design. Se interessa principalmente pelos seguintes temas: linguagem, sentidos, arte e design visual.*



**Resumo:** Percebendo a alteridade como parte importante do processo criativo e formativo individual, o presente artigo propõe pensar o ambiente urbano como catalisador e participante do processo de criação, entendendo que esse se desdobra também como suporte para as mais diversas narrativas e formas de expressão. Para tanto, faremos uso de conceitos como de *autoformação* e *bloqueio* visando expor a potência transformadora de tal contato. Em um segundo momento, desenvolvemos a ideia de *criação residual*, na qual propomos pensar objetos gerados no processo de aprendizado e maturação de ideias como suas consequências residuais e materiais. Para desenvolver tal ideia, traremos dois exemplos de objetos residuais, relacionando-os com a experiência vivida no ambiente urbano.

**Palavras-chave:** design; ambiente urbano; processos de criação; criação residual; processos formativos.

**Abstract:** Noticing otherness as an important part of the individual creative and formative process, this article proposes to think of the urban environment as a catalyst and participant in the creative process, understanding that it also unfolds as support for the most diverse narratives and forms of expression. To this end, we will use concepts such as self-formation and blocking to expose the power of transformation in such contact. In a second step, we develop the idea of residual creation, in which we propose to think of objects generated in the process of learning and maturation of ideas as their residual and material consequences. To develop this idea, we will bring two examples of residual objects, relating them to the experience lived in the urban environment.

**Keywords:** design; urban environment; creative processes; residual creation; formative processes.

## Introdução

Entendendo o ambiente urbano como externo ao indivíduo e composto por subjetividades e formas de expressão diversas e muitas vezes conflitantes, também é possível percebê-lo como produtor de alteridade e de tensões entre as formas de existência imaginadas pelos agentes que atuam neste e o próprio espaço. Apesar de tais conflitos poderem ser percebidos, de início, como um empecilho às condições ideais de criação, pode-se reverter tal perspectiva quando trazido o pensamento de Anne Sauvagnargues (2020) sobre como se daria o processo criativo.

Sauvagnargues (2020) coloca a criação não como obra de um gênio, mas sim sintoma da impossibilidade, trazendo o conceito de *bloqueio* qual algo que se dá como uma oposição que, por sua vez, geraria a necessidade da descoberta de novos modos de criar. Ao pontuar a criação como uma condição que existe além da ideia do “grande artista”, cujo processo depende apenas de sua subjetividade, Sauvagnargues (2020) coloca o meio como participante de tal processo e a própria dificuldade como catalisadora de inovação.

É interessante mencionar, nesse sentido, o artigo *Graffiti e cidade: sentidos da intervenção urbana e o processo de constituição dos sujeito* (Furtado; Zanella, 2016), onde as autoras apontam a aproximação de artistas de rua com a prática do grafite e da pichação como uma forma de lazer alternativa e viável dentro dos contextos em que foram criados. No texto, a pichação é de início pontuada pelos entrevistados como uma forma de divertimento barata e coletiva, no entanto tal prática acaba por traduzir-se em apropriação ativa e consciente do espaço público ao longo das falas reproduzidas. Assim, cabe citar:

Circunscrita também pela necessidade de, sendo jovem no urbano, agrupar-se a outros jovens, identificar-se e participar de atividades de lazer, onde o tornar-se vândalo, pichador, é também estar junto e, junto com outros jovens, romper com uma dada ordem estética e simbólica dos espaços urbanos, promovendo para si e para seu grupo novos espaços nos quais, ao modificar a realidade vivida, esses mesmos jovens transformaram-se ao mesmo tempo enquanto sujeitos, em devires pichadores, em

devires jovens, construindo uma cidade sempre em devir  
(Furtado; Zanella, 2016, p. 1291)

A condição de *bloqueio* pode ser colocada, no exemplo citado, em um sentido monetário, porém acaba carregando consigo a possibilidade de transformação do espaço e também de manifestação de falas periféricas e plurais. Aqui é viável perceber a arte, mesmo que não ligada a grupos ativistas, como política, entendendo o sentido que é trazido por Sauvagnargues (2020) onde a eficácia política da arte se dá como possibilidade de reconstrução das relações existentes.

É coerente entender, dessa forma, a arte como elemento de transformação, viabilizando aproximar tal pensamento da perspectiva de Fayga Ostrower (1983), que considera a criatividade como, além de habilidade inerente ao ser humano, uma necessidade comum a todos. Assim, criatividade é pontuada como forma de gerar significados e entender o mundo à nossa volta, sendo a prática de materialização também um processo de organização interior (Ostrower, 1983).

Quando Ostrower (1983) trata a criatividade como um processo, ela entende que ao mesmo tempo que o sujeito altera a matéria na qual trabalha, o exercício de materialização também modifica sua percepção sobre a realidade externa a ele. O ato criativo em si passa a ser, então, um ato de transformação, se assemelhando à perspectiva política mencionada por Sauvagnargues (2020):

E desse ponto de vista, para mim toda arte é política. Mesmo sem passar pela consciência militante do grande artista masculino. (...) Pois bem, temos o grande artista, com sua bela imaginação e temos o escravo social, mas que é capaz de transformar as coisas nos fazendo perceber as relações tão como elas são. (Sauvagnargues, 2020, p.28)

Considerando a tomada de consciência por meio da arte também como parte de um processo formativo, parece interessante acrescentar a ideia da autoformação mencionada por Pascal Galvani (2002), onde o autor pontua o processo formativo como composto por três pólos, sendo estes: a autoformação, a heteroformação e a ecoformação – onde o ambiente e as coisas também fazem parte do processo formativo individual. O

meio passa, dessa forma, a participar do processo criativo, sendo, por outro lado, transformado pelo indivíduo em formação.

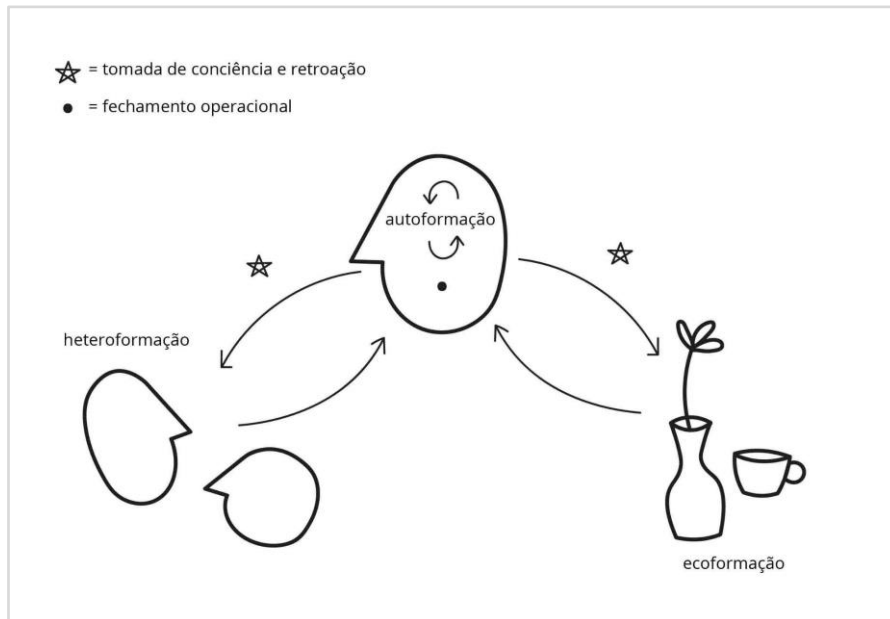


Figura 1. Esquema do processo de autoformação. Adaptado de Galvani (2002). Fonte: autoras.

De maneira semelhante, mencionando a visão de Gilbert Simondon da significação como transindividual, Sauvagnargues (2020) aponta o sujeito como não definido por uma unidade e uma identidade estanque, mas sim composto por uma “nuvem de simbólica”, sendo formado por um conjunto mutável de relações externas a este.

Podemos nos ver como um sujeito contraindo tudo o que está em nosso entorno. Contraindo em uma pequena nuvem que define uma singularidade. Portanto, sim, é uma paixão ativa, uma passividade ativa. Estamos no limiar da linha de fronteira entre um sujeito que age, ou um sujeito que se mantém passivo, porque estamos a caminho de pensar uma passividade constituinte. Isso não quer dizer que eu jamais faça nada, mas quer dizer que tudo que eu faço é feito a partir de uma nuvem que eu constituo, que eu represento... (Sauvagnargues, 2020, p.17)

Conforme a fala de Sauvagnargues, a singularidade se daria pela assimilação do entorno, existindo uma passividade ativa na constituição do sujeito. Assim, não sendo uma construção apática ou isolada da subjetividade, o indivíduo é entendido como constituído por um conjunto de relações externas a si mesmo.

Nesse sentido, cabe trazer a ideia da experiência no sentido de um saber externo, que ocorre além de nossas próprias expectativas e envolve o ato de vivenciar e descobrir. Desse modo, ela existe além do acúmulo de conhecimentos e requer uma suspensão de juízos e valores, possibilitando encontros e descobertas que transcendem o factual ou cultural (Bondía, 2002).

Desse modo, considerando o entorno também como participante ativo do processo de criação e tomada de consciência humana, o presente artigo pretende apresentar alguns objetos gerados no encontro com o ambiente urbano. Entendemos que, mais que objetos findos em si, estes se apresentam como parte de um processo de entendimento e transformação, sendo também questionado o potencial destes como catalisadores de mudanças e diálogos.

### **Criação residual**

Tais objetos, anteriormente mencionados, são entendidos como parte do um processo de percepção e entendimento acerca de uma realidade externa às pesquisadoras, existindo como resultado secundário da compreensão teórica. Percebendo que estes se davam em decorrência de um processo de tomada de consciência, optamos por chamá-los de *criação residual*.

Mais que um fim, o que propomos aqui como *criação residual* é entendido qual consequência produtiva de um pensamento abstrato ou reflexo de uma percepção tida acerca de uma realidade externa. Desse modo, o ambiente, no sentido apontado por Galvani (2002) será trazido como principal contribuinte dessas criações e, mais que isso, foco e objeto de estudo que as gerou como subproduto.

Ainda evidenciando a perspectiva da autoformação (Galvani, 2002), o pólo referente ao “outro” será trazido a partir dos rastros criativos e existenciais encontrados ao longo de caminhadas realizadas pelos centros da cidade do Rio de Janeiro e de Niterói.

A criação, por sua vez, entrará aqui na perspectiva transformadora apresentada por Sauvagnargues (2022) e Ostrower (1983). A propomos também como um processo de devir, entendendo este qual movimento de diferir de si mesmo, existindo como

processo de dilatação e mudança constante. Assim, ao invés de ideias estáveis, tais objetos de *criação residual* pretendem existir como movimentos geradores de possibilidades outras.

### **Caminhos de rotina**

O presente item trata de caminhadas feitas aproveitando a rotina e o compromisso de precisar estar em um lugar específico para sua execução. Assim, partindo de um local fixo e com um destino predeterminado, o meio do trajeto foi subvertido, sendo uma série de percursos experimentada em prol da busca de intervenções artísticas.

Durante aproximadamente três meses, como parte de minha pesquisa de mestrado, realizei essas caminhadas pelo centro do Rio de Janeiro, partindo da Estação Praça XV da CCR Barcas e indo até a Escola Superior de Desenho Industrial - ESDI. Nesses percursos fiz uso do diário de campo, de fotografias e, a partir de determinado momento, acrescentei a utilização do aplicativo *Strava*<sup>1</sup> para traçar o trajeto da caminhada. Assim, se deram ao todo cinco caminhadas com registro no *Strava*, realizadas respectivamente nos dias 30/03, 13/04, 18/05, 25/05 e 15/06 de 2023.

Na primeira delas fiz um trajeto sem muitos desvios, justamente por ser um percurso novo e desconhecido. Percorri um caminho comum aos passantes daquela área, dotado de um maior fluxo de pessoas. Mesmo nesse trajeto, foi possível encontrar algumas intervenções, entendendo, no entanto, a percepção dessas como consequência do trajeto e não o contrário.

Nas caminhadas seguintes busquei mudar ao máximo o caminho percorrido, visando a cobertura uma área maior e, sobretudo, a experiência de trajetos variados.

Ao longo desses cinco dias pude perceber muito sobre o próprio ato de andar experienciando o percurso, compreendendo a importância do corpo como intermediário do contato com o ambiente. Nesse sentido, ficou evidente a indissociabilidade da presença

---

<sup>1</sup> *Strava* é um aplicativo gratuito, que permite gravar percursos de atividades como corridas e caminhadas. Ele se mostrou interessante para o presente trabalho por permitir o compartilhamento do trajeto e a inclusão de fotografias, que são distribuídas ao longo da rota de acordo com os dados de localização do momento em que foram capturadas.

subjetiva na observação de campo, sendo interessante trazer fala de Ingold (2022), quando pontua a relação dialógica entre observação e participação:

Não há contradição, então, entre participação e observação; ou seja, uma coisa depende da outra. Mas, para transformar aquilo que devemos ao mundo em dados que tenhamos extraído dele, é separar o conhecimento do ser. É preciso estipular que o conhecimento deve ser reconstruído em seu exterior, como um edifício construído pós-fato, mais do que como inerente em habilidades de percepção e capacidades de julgamento desenvolvidas durante engajamentos diretos, práticos e sensoriais com as coisas que nos cercam. (Ingold, 2022, p. 20).

Tendo consciência dessa relação, pareceu coerente gerar um objeto que, mais que uma análise austera, pudesse se mostrar a síntese das observações feitas nos caminhos percorridos.

### **Não-mapa de registros múltiplos**

Tomando por empréstimo o pensamento de Deleuze (1999) que sugere que cada criador teria ideias no modo de expressão que lhe é mais caro, entendemos a concepção do *não-mapas de registros múltiplos* como um encontro de ideias, onde a criação dos agentes produtores das intervenções encontradas e o próprio caminho percorrido, puderam encontrar desdobramentos em meu gesto criador. Consideramos, desse modo, que tais objetos ecoam a experiência de campo, no sentido proposto por Deleuze de que formas de criação diferentes se desdobram em encontros de ideias.

Acrescentamos ainda a Teoria da Cesta de Elizabeth Fisher, que coloca esse recipiente de coleta, transporte e armazenamento como primordial à cultura humana (Le Guin, 2020), como ponto importante no processo de construção do *não-mapa*. Ursula K. Le Guin (2020) explica a teoria da cesta de maneira mais ampla, entendendo que a forma de um “(...) romance poderia ser a de um recipiente, uma cesta” (Le Guin, 2020, p.5) visto que “(...) Um livro carrega palavras. Palavras guardam coisas. Elas carregam sentido. Um romance é uma caixa de medicamentos, guardando as coisas em uma particular e poderosa relação entre si e conosco” (Le Guin, 2020, p.5) . É nesse sentido, que tal objeto,



gerado dos caminhos percorridos, se assemelha à ideia da cesta, carregando a síntese da experiência vivida.

Partindo do trajeto demarcado pelo aplicativo *Strava*, o percurso percorrido foi descontextualizado, retirando-o de seu mapa e seus referenciais métricos. Levando em consideração as ideias presentes no livro *Terra Forma: a book of speculative maps* – no qual as autoras propõem outras formas de construção de mapas, subvertendo seus referenciais espaciais e propostas de representação –, optei por fazer com que aquele trajeto se tornasse outra coisa além de seu significado inicial. Enfatizo, sobretudo, o trecho reproduzido abaixo como essencial à concepção do *não-mapa de registros múltiplos*:

(...) O GPS rastreia a atividade dos atores, captura os movimentos dos seres vivos em um mapa pré-definido e permite que eles se encontrem no espaço. Todos podem gerar sua própria rota, seu próprio caminho, navegando em um espaço cujos parâmetros são determinados a priori. Estes mapas não têm mais muito em comum com os mapas antigos, que precisavam ser desenhados caminhando pelo terreno, ou mesmo ouvindo os relatos de outros que retornavam de uma viagem. Os satélites oferecem precisão na geodésia, ajudam a contornar linhas, sinalizar evoluções e revelar a metamorfose dos territórios. Mas faltam-lhes narrativa, a montagem das histórias contadas, a multiplicidade de pessoas e narradores que permitiram que o mapa fosse uma síntese, que fosse único e múltiplo ao mesmo tempo.” (Aït-Touati; Arènes; Grégoire, 2019, p.10-11)<sup>2</sup>

Dessa forma, o foco passou a ser o trajeto, entendendo este no sentido de uma descoberta ou história a ser contada. Percebendo, no entanto, que os registros de campo aconteceram de maneira plural, e de certo modo de face com um problema, decidi juntar os múltiplos registros que tinha – e mais alguns obtidos na construção no próprio mapa – num apanhado narrativo multiforme.

---

<sup>2</sup> Tradução nossa do inglês: “(...) GPS tracks the activities of actors, captures the movements of living things on a predefined map, and allows them to orient themselves in space. Everyone can generate their own route, their own path, navigating within a space whose parameters are determined a priori. These maps no longer have much in common with earlier maps, which had to be drawn by walking the terrain oneself, or even by hearing about it from others returning from a journey. Satellites offer precision geodesy, and they help to contour lines, signal evolutions, and reveal the metamorphosis of territories. But they lack narrative, an assemblage of stories told, a multiplicity of people and narrators that allow a map to become a synthesis, to be simultaneously unique and multiple.” (Aït-Touati; Arènes; Grégoire, 2019, p.10-11)

Mais que objetos findos em si, é importante pontuá-los como parte do processo de aprendizado e amadurecimento da caminhada, sendo também um importante componente da própria tomada de consciência sobre a experiência vivida, conforme mencionado no item referente às *criações residuais*.

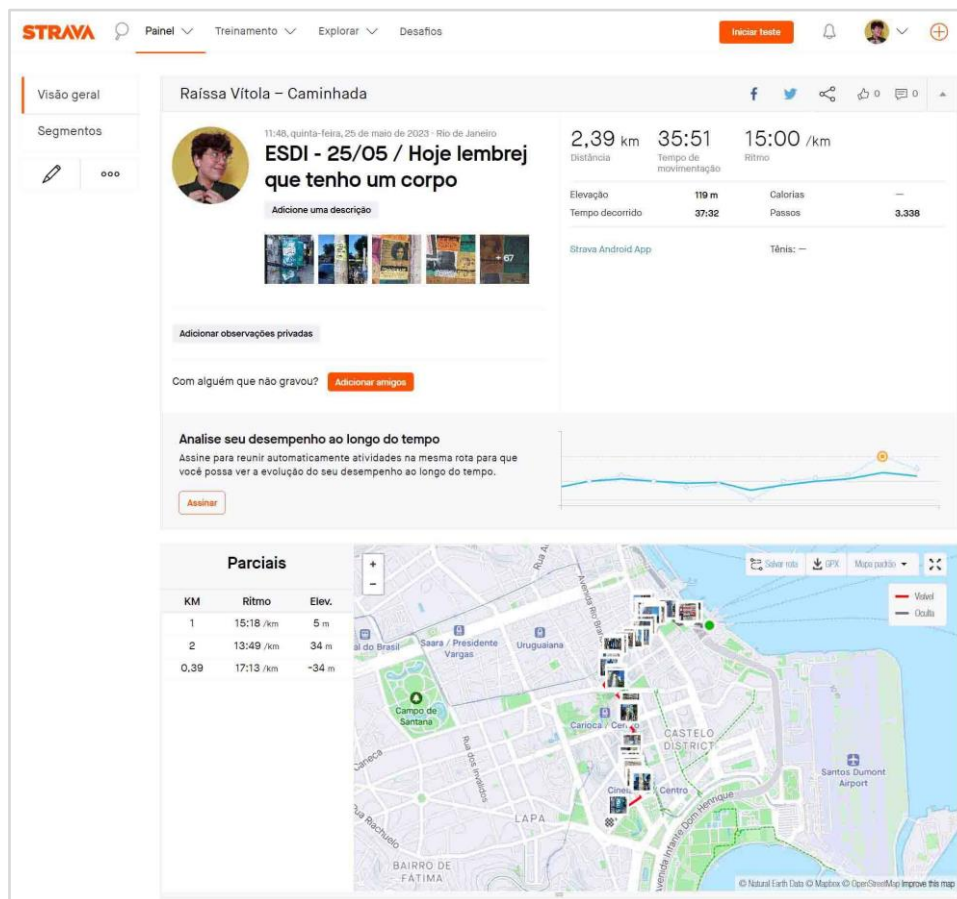


Figura 2. Captura de tela de caminhada realizada no dia 25/05. Fonte: autoras.

Parti do registro da caminhada do dia 25/05 por ser a que correspondia ao momento aproximado em que surgiu a ideia de criar um *não-mapa de registros múltiplos*. Seu subtítulo refere-se à principal sensação tida no trajeto: a lembrança de ter um corpo que sente desconforto. É importante pontuar esse corpo dentro de sua peculiaridade de um corpo com útero, entendendo que o desconforto sentido, mais que um problema findo em si, serviu como um disparador de questões sobre as limitações que um corpo feminino poderia ter naquele espaço.

Um corpo permeado por medo e receio, atravessado por olhares e, em certos níveis, dessubjetivado. No entanto, também era um corpo que trazia a mente para a terra, a fixava no chão e me permitia a execução de caminhadas vagueantes.

Infelizmente, não foi possível fazer um registro escrito da caminhada no mesmo dia, então anotei como um “registro póstumo”, onde a impressão das anotações – nesse caso fotografias, um áudio e o registro feito no *Strava* – feitas no dia me auxiliaram na tentativa de reconstrução desse momento.

Como havia a pretensão de que a linha do caminhar existisse por si mesma, o *não-mapa de registros múltiplos* começou a ser estruturado pela retirada do trajeto de seus referenciais métricos.

Com a linha em tela, surgiram questões sobre aquele caminho e algumas indagações latentes puderam tomar forma, entre elas: a dúvida se uma divisão clara e arbitrária do que era considerado um “centro da cidade” seria útil para o registro e entendimento de algo tão humano quanto manifestações de arte de rua. Nesse sentido, parte do objeto contém uma representação de possíveis variações de área, criadas para uma mesma caminhada (figura 3).

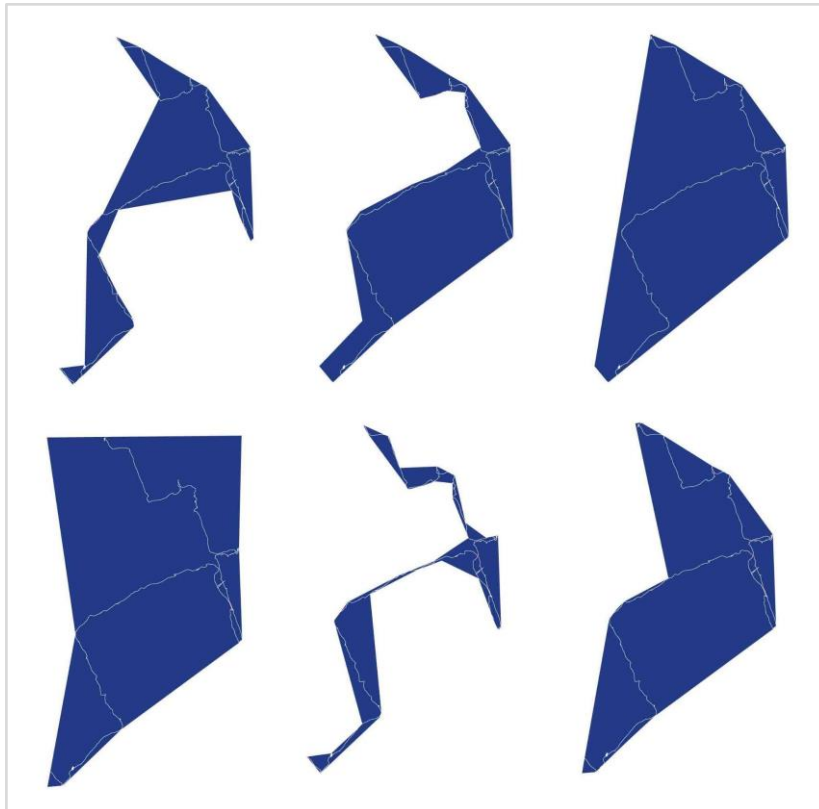


Figura 3. Algumas representações de possíveis áreas para o caminho percorrido. Fonte: autoras.

Ainda observando a linha do trajeto, foi possível perceber que esta formava um emaranhado no ponto referente a um momento de interrupção, em que adentrei em um estabelecimento comercial. Não fazia parte de meu objetivo inicial registrar essa pausa, mas ela era uma forma relativamente destacada no trajeto. Ela representava a ausência, que talvez tentasse omitir em outras circunstâncias, e, por isso, optei por recortar essa forma do *não-mapa de registros múltiplos*.

O registro fotográfico e o registro escrito são aspectos mais claramente definidos da proposta, representando a parte mais comunicativa neste objeto. Apesar disso, quando acrescentadas outras camadas de anotações sobre estes, os registros se encontram mais nitidamente com meu processo pessoal de entendimento: marcando o texto, desenhando e anotando, o mundo passa, além de pela minha visão, por meu gesto.



Figura 4. Protótipo do *não-mapa de registros múltiplos*. Fonte: autoras.

Como mais que um apêndice do *não-mapa de registros múltiplos*, foram inseridos QR Codes direcionando para outros pensamentos que fizeram parte deste processo

reflexivo – como um desenho feito pensando sobre a complexidade de ter um corpo (figura 5), o texto de *Nave Gaia* – um dos Cadernos Selvagem, de Antonio Nobre e Ailton Krenak (2021) – e o link para o registro da caminhada no *Strava*.

Dessa forma, o *não-mapa de registros múltiplos* propõe ainda a possibilidade de conter variadas dimensões de uma experiência, não ficando restrito ao objeto físico em si. Compreendo, dessa maneira, suas múltiplas dimensões no encontro de técnicas, linguagens e suportes, entendendo que, mais que uma mensagem fechada, este propõe um entendimento aberto, variável e humano, remetendo à percepção das próprias caminhadas experienciadas.

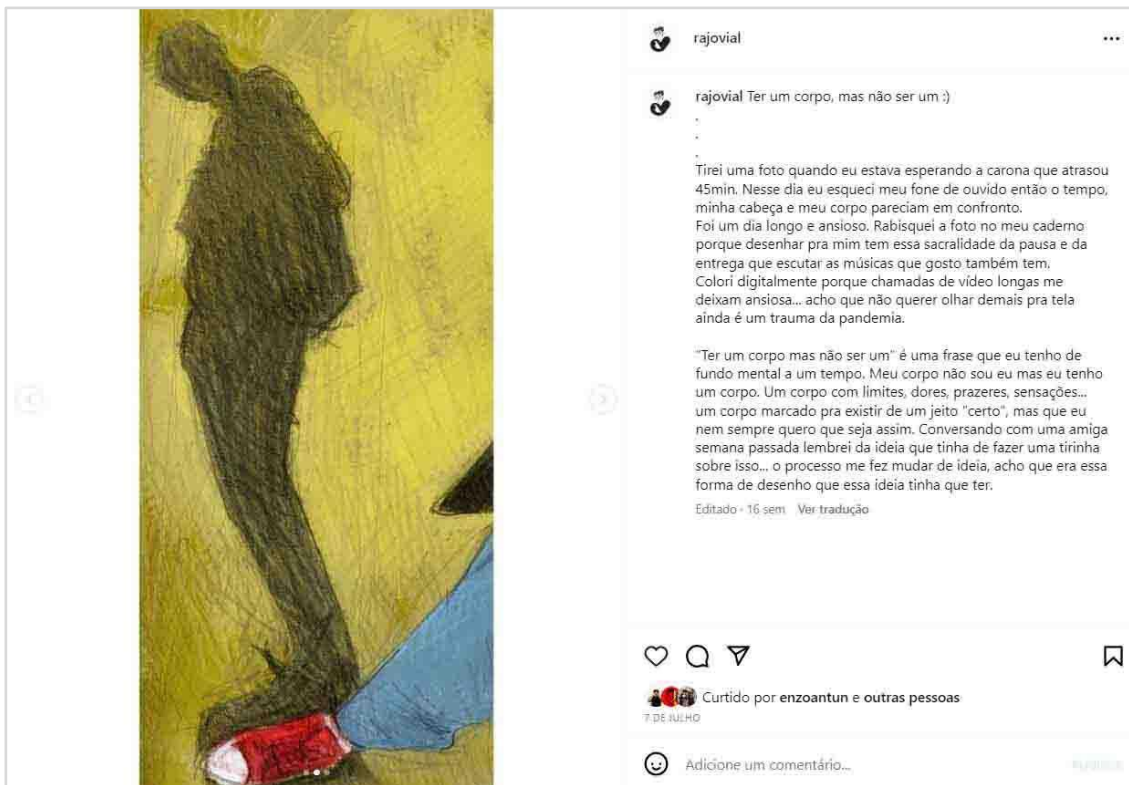


Figura 5. Ilustração anexada por meio do QR Code ao protótipo do *não-mapa de registros múltiplos*.  
Fonte: autoras.

### Zine de encontros ou micronarrativas urbanas

De maneira semelhante ao *não-mapa de registros múltiplos*, o presente objeto também partiu de uma série de caminhadas. No entanto, tais caminhos foram percorridos, dessa vez, no centro da cidade de Niterói.

O que optei por chamar de *zine de encontros*, trata, sobretudo, de encontros com possíveis acontecimentos do passado. Mais que um cenário presenciado, nas imagens e narrativas desdobradas, busquei rastros de existências outras, entendendo no anonimato de tais imagens a possibilidade de abertura para a construção de fabulações. Também compreendo que tal abertura as coloca como potenciais catalisadoras do processo de criação e, dessa forma, trago a *zine de encontros* como parte resultante de tal processo.

A construção deste objeto partiu de duas caminhadas, realizei com início no ponto de ônibus anterior à Rua Amaral Peixoto (Niterói-RJ) e finalizei no ponto de ônibus em frente à loja Caçula, na Av. Visconde do Rio Branco (Niterói-RJ). Diferente do *não-mapa de registros múltiplos*, tal objeto propõe a síntese de duas experiências, traçando pontos comuns entre ambas, mas, sobretudo, criando uma narrativa pessoal sobre estas. Em termos visuais, ambos os trajetos foram representados na publicação na forma de uma luva, que a envolve e, com a costura, indica a forma das duas caminhadas.

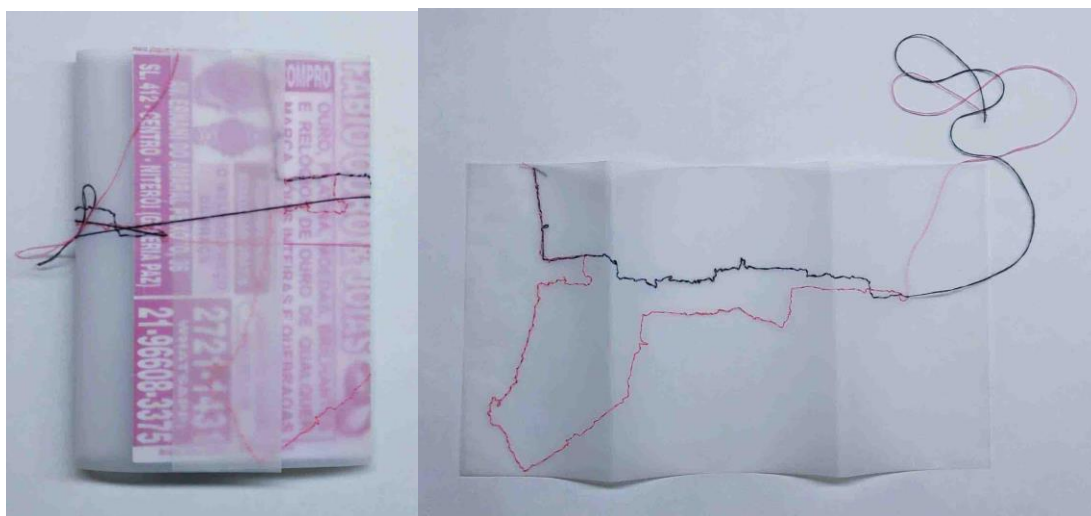


Figura 6 e 7. Linha das caminhadas costurada e envolvendo a publicação. Fonte: autoras.

Assim, partindo do registro escrito das caminhadas em um diário de campo, e posterior desdobramento em um texto livre redigido digitalmente, a *zine de encontros* foi iniciada, considerando também o registro fotográfico e a marcação do percurso no *Strava* como ações que possibilitaram sua construção.

Ao longo de ambos trajetos, pude notar um padrão relacionado à percepção do espaço percorrido e, vislumbrando tal direcionamento, foram criadas categorias para relacionar o acervo fotográfico que foi gerado, especificamente, durante essa dupla de

caminhadas. Dessa forma, optei por separar tais imagens em *narrativas*, *formas*, *soluções*, *desenhos / imagens*, *escritas*, *propagandas* e *performances*. No objeto apresentado, se encontrarão dispostas *narrativas*, *soluções*, *propagandas* e *escritas*.

As manifestações descritas como *narrativas* são entendidas aqui como objetos que geraram desdobramentos imaginativos, compreendidos como rastro de uma ação passada. Nesse sentido, evidencio o exemplo da maçã caída no meio da calçada, e a história criada a partir dela:

Alguém derrubou uma maçã no meio do caminho. Concreto cinza e maçã vermelho-verde-amarela eram um contraste bonito até e, como eu tinha que esperar o sinal, tirei uma foto.

Fiquei pensando na pessoa que derrubou essa maçã: será que ela levava muitas maçãs? Será que era o lanche dela e ela ficou bem bolada por ter fome? Será que ela viu a maçã caindo e sentiu a dor de quem perde uma maçã? (...)

A categoria *soluções*, por sua vez, refere-se a artifícios improvisados, desenvolvidos por trabalhadores, habitantes ou transeuntes do ambiente público. Podemos entendê-las de forma semelhante à categoria de *soluções informais* proposta por Joy Till (2014), que as apresenta como criações desenvolvidas de forma inventiva por vendedores e trabalhadores, que fazendo uso de “(...) materiais baratos ou recolhidos nas próprias ruas, escrevem suas mensagens à mão e chamam a atenção para si, algumas vezes utilizando recursos bem-humorados” (Till, 2014, p.128). Tais soluções propõem novas utilizações, desdobrando, desta maneira, reflexões acerca de objetos e dos usos convencionalmente propostos para estes.

A categoria *propagandas* se refere a artifícios de divulgação de atores urbanos, podendo se misturar também com as demais categorias. Ela se encontra presente na *zine de encontros* pela reprodução de dois panfletos coletados durante as caminhadas e uma fotografia de um leteiro manuscrito, reproduzida ao longo de suas páginas.

Por fim, a divisão *escritas* corresponde a manifestações intencionais, apresentadas dentro de uma mensagem linguística composta por códigos socialmente estabelecidos. É, desta forma, uma mensagem possível de ser lida linearmente – considerando o conhecimento prévio do idioma utilizado e do referencial citado.

Apesar de possuir um forte caráter narrativo, a zine, enquanto objeto físico, foi gerada tendo majoritariamente como base fotografias tiradas no caminho. Entendendo que a narrativa se dava como um desdobramento pessoal daquelas imagens, optei por anexá-las por meio de um *QR Code*, redirecionando o leitor para uma micronarrativa postada na plataforma *Instagram*.

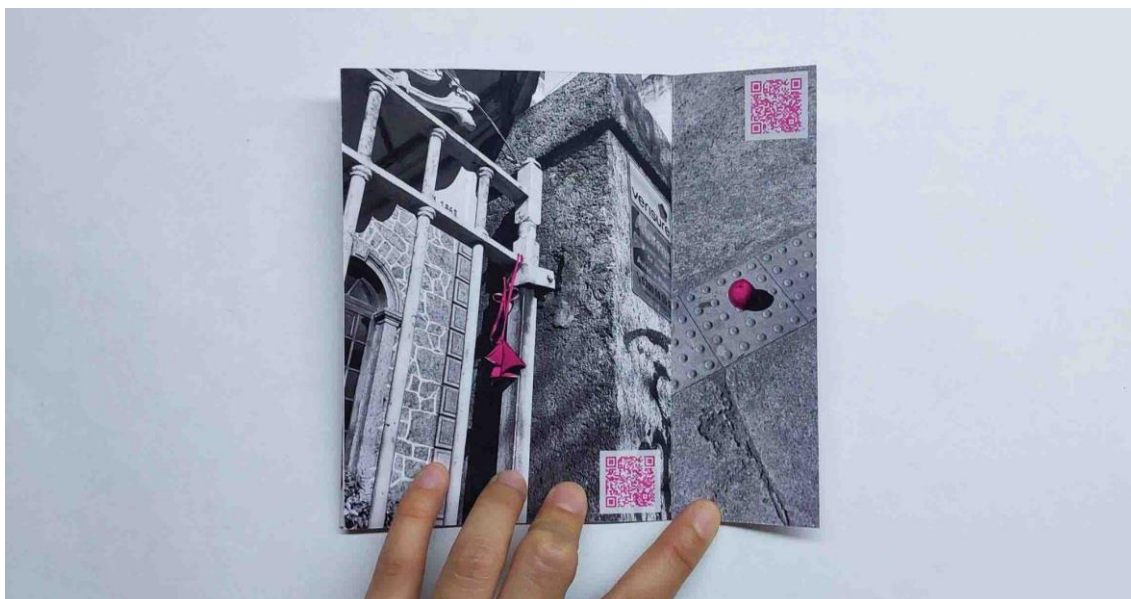


Figura 8. Exemplo de dupla de páginas com *QR Code*. Fonte: autoras.





Figuras 9. Exemplo de micronarrativa anexada à zine. Fonte: autoras.

Mesmo que pensando inicialmente como o anexo de um objeto físico, é interessante pontuar que as postagens existiram como uma dimensão interativa do objeto, proporcionando identificação e, com isso, inúmeras contribuições em cima das narrativas propostas. Nesse sentido, entendemos que aqui tais objetos atuaram como propositores de diálogo, sendo novamente transformados a cada camada: dos objetos encontrados no caminho, passando pelo registro fotográfico, criação da publicação e chegando ao diálogo por meio de redes sociais.

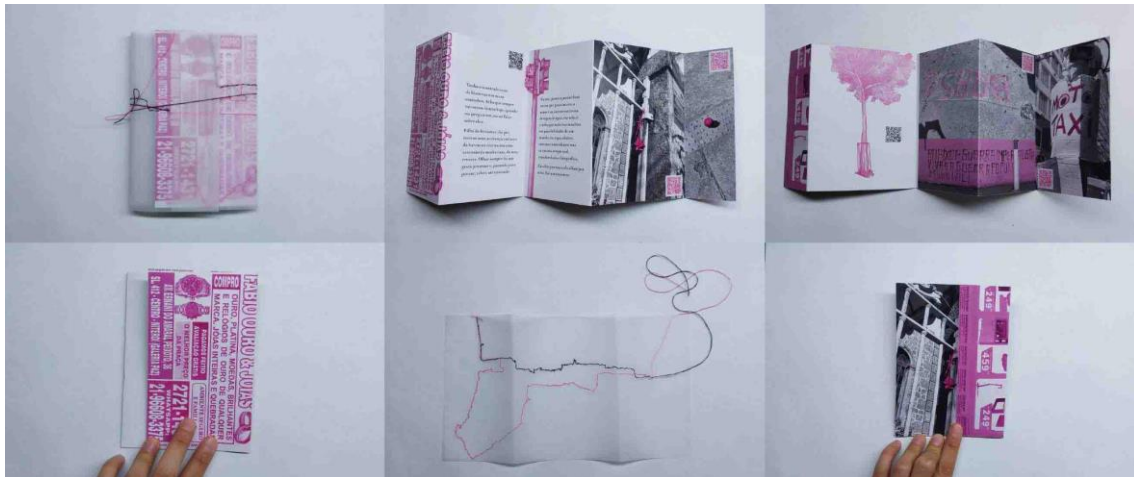


Figura 10. *Zine de encontros*. Fonte: autoras.

Novamente, é importante pontuar que, mais que um objeto findo em si, a *zine de encontros* carrega a pretensão de desdobrar narrativas e pensamentos outros, existindo qual discurso aberto e mutável, de maneira análoga ao ambiente que sensibilizou sua criação em forma de publicação.

## Conclusões

No que diz respeito a uma criação pessoal, foi possível entender o ambiente urbano, pela diversidade de subjetividades e formas de manifestação encontradas neste, como potente catalisador do processo criativo. Manifestações e rastros de existências outras, nesse sentido, podem ser percebidos como interlocutores, em um diálogo criativo onde novas formas e ideias se configuram.

A *criação residual*, aqui apresentada, encontra sentido enquanto processo de aprendizado, sendo meio pelo qual o ambiente externo e a produção de terceiros são assimilados. Mais que um intermediário do processo de tomada de consciência, é possível entendê-la como o encontro entre o gesto criador individual e a alteridade do ambiente, existindo em forma de síntese para tal encontro.

Entendendo ainda a exposição à diversidade e à diferença como geradora de percepções variadas, acrescentamos aqui a potência do ambiente urbano de ressignificar pressupostos e gerar novos desdobramentos.

Por fim, questionamos a possibilidade dos objetos de *criação residual* também habitarem e alterarem o ambiente, gerando desdobramentos outros, em um ciclo interminável. Mais que objetos findos em si, seguimos indagando seu papel no desenvolvimento de questionamentos e pensamentos dissidentes, existindo como formas de ação e reflexão criativa.

### Referências bibliográficas

AÏT-TOUATI, Frédérique; ARÈNES, Alexandra; GRÉGOIRE, Axelle. **Terra Forma: A Book of Speculative Maps**. Inglaterra: The MIT Press, 2022

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, Apr. 2002.

CUNHA, Maria Helena Lisboa da. Deleuze e a intensidade do pensamento. **Reflexão**, Campinas, 32 (92). p. 99-109, jul./dez., 2007.

DELEUZE, Gilles. **O ato de criação**. Folha de S. Paulo, São Paulo, 27 jun. 1999. Caderno Mais!

FURTADO, Janaina Rocha; ZANELLA, Andréa Vieira. Graffiti e cidade: sentidos da intervenção urbana e o processo de constituição dos sujeitos. **Revista Subjetividades**, [S. l.], v. 9, n. 4, p. 1279-1302, 2016. Disponível em: <https://ojs.unifor.br/rmes/article/view/4910>. Acesso em: 4 dez. 2022.

GALVANI, Pascal. A Autoformação, uma perspectiva transpessoal, transdisciplinar e transcultural. **Educação e transdisciplinaridade II**, São Paulo, Triom/UNESCO, 2002, pp. 95-121.

INGOLD, Tim. **Fazer: antropologia, arqueologia, arte e arquitetura**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

LE GUIN, Ursula K. A Ficção como Cesta: Uma teoria. Trad. Priscilla Mello. Revisão de Ellen Araujo e Marcio Goldman. [1986] 2020. Disponível em:

<[https://www.academia.edu/44858388/A\\_Fic%C3%A7%C3%A3o\\_como\\_Cesta\\_Uma\\_Teoria\\_The\\_Carrier\\_Bag\\_Theory\\_of\\_Fiction\\_Ursula\\_K\\_Le\\_Guin](https://www.academia.edu/44858388/A_Fic%C3%A7%C3%A3o_como_Cesta_Uma_Teoria_The_Carrier_Bag_Theory_of_Fiction_Ursula_K_Le_Guin)>. Acesso em: 14/08/2023.

NOBRE, Antonio; KRENAK, Ailton. **Nave gaia**. Série ‘Cadernos Selvagem’. Dantes Editora Biosfera, 2021

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 3a edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1983.

SAUVAGNARGUES, Anne. Design Machines and Art Machines. In: MARENKO, Betti; BRASSETT, Jamie. **Deleuze and Design**. Edimburgo: Edinburg University Press, 2015. PP: 65-83.

SAUVAGNARGUES, Anne. Somos nada mais que imagens: Entrevista com Anne Sauvagnargues. [Entrevista concedida a] Édio Ranieri. **Polis e Psique**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 6–29, 24 abr. 2020.

TILL, Joy Helena Worms. **Paisagem gráfica da cidade**: um olhar sobre o Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em Urbanismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, 2014. Rio de Janeiro, 160f. 2014.